



**UNIVERSIDADE DO MINHO
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA**

TOMADA DE DECISÃO

INFLUÊNCIA DO GRUPO

Ano lectivo 2006-2007

Trabalho elaborado por:

Márcia N.º. 49040

Paulo N.º. 50607

Susana N.º. 47804

Braga, 29 de Novembro de 2006

ÍNDICE

ÍNDICE	pág. 1
INTRODUÇÃO	pág. 2
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	pág. 3
Pensamento Grupal	pág. 3
Polarização Grupal	pág. 4
Impacto Social	pág. 5
Dissonância Cognitiva	pág. 5
METODOLOGIA	pág. 7
Amostra	pág. 7
Procedimento	pág. 7
Quadro de Resultados	pág. 7
Discussão dos Resultados	pág. 8
CONCLUSÃO	pág. 9
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	pág. 10
ANEXOS	pág. 11
Questionário	pág. 11
Apresentação no PowerPoint	pág. 12
Exemplo de Pensamento Grupal	pág. 13

INTRODUÇÃO

Sendo o ser humano um animal gregário e com capacidades cognitivas superiores faz todo o sentido que a psicologia social se debruce intensamente sobre o tema “tomada de decisão”, quer a nível individual ou sobre a influência de um grupo.

Neste contexto, para tentar comprovar esta temática, realizamos uma actividade prática na aula de Psicologia Social, no sentido de tentar comprovar as diferenças de atitude face a diferentes opiniões do grupo.

Como suporte teórico, baseamo-nos em algumas teorias relacionadas com este fenómeno: tomada de decisão.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No sentido de definir o tema “tomada de decisão” vamos abordar quatro concepções: pensamento grupal, polarização grupal, teoria do impacto social e dissonância cognitiva, as quais achamos pertinentes para uma melhor compreensão do fenómeno supra citado.

- **PENSAMENTO GRUPAL**

Irvin Janis (1972) chamou a atenção para um fenómeno a que lhe chamou de pensamento grupal. “Deterioração da eficácia mental, do teste da realidade e do julgamento moral que resulta do endogrupo” opa!!!! Te enviei um email, da uma lida e me retorna... valeu demais :d

Opa!!!! Te enviei um email, da uma lida e me retorna... valeu demais :d

Opa!!!! Te enviei um email, da uma lida e me retorna... valeu demais :d

. (Janis (1972), in Neto, 2000, pág: 542)

Podemos definir grupo como um conjunto de indivíduos que partilham valores e objectivos comuns, sendo que, num grupo coeso existem fortes relações inter pessoais, como camaradagem, unidade, sentimentos de pertença, harmonia, solidariedade e uma maior afinidade e admiração mútua.

Estas características dos grupos e em particular dos grupos coesos levam-nos a pensar no grupo como algo de muito racional, onde vários indivíduos pensam melhor sobre a resolução de um problema. No entanto, tivermos em conta a história, encontramos vários exemplos que contrariam esta ideia generalizada. Ex.: Guerra do Vietname, o desastre da nave espacial Challenger, a invasão de Cuba na Baía dos Porcos.

As ligações fortes entre os elementos constituintes do grupo e um líder forte, podem levar o grupo ao isolamento e a julgar-se superior, a ter um olhar sobranceiro para com elementos exteriores ao grupo, a julgar-se invulnerável na tomada de decisões, a ter a ilusão de unanimidade, a fazer racionalizações colectivas, os seus elementos podem sentir pressão para a uniformidade, concordando todos com uma solução apresentada como a melhor sem colocar à discussão as suas dúvidas pessoais.

Todos estes factores conjugados podem dar origem ao fenómeno do pensamento grupal, resultando não poucas vezes, em más decisões e tomadas de posição do grupo.

Para tentar evitar este fenómeno, foram sugeridas, pelos investigadores, algumas medidas:

O chefe, ou líder do grupo, deveria evitar estar presente nas primeiras discussões, nunca dar a sua opinião sem que todos os elementos do grupo tivessem dado a sua, discutindo livremente e sem pressões todas as opiniões. O grupo deveria também evitar o isolamento, ouvindo opiniões de peritos externos.

- **POLARIZAÇÃO GRUPAL**

A polarização grupal pode ser entendida como a tendência que o grupo tem para adoptar uma decisão final mais extrema do que as médias das decisões individuais prévias à discussão de grupo. (Jesuíno, 2000, pag: 327).

Segundo Stoner (1961, 1968), após ter realizado um estudo sobre mudanças arriscadas, ele verificou que os indivíduos tomavam decisões mais arriscadas após terem interagido em grupo, do que nas decisões individuais, ou seja, os julgamentos em grupo eram mais arriscados. Perante situações como estas, Wallach, Kogan e Bern (1962) sugeriram a difusão da responsabilidade partilhada como um factor explicativo deste fenómeno, ou seja, os indivíduos quando integrados em grupos *“sentir-se-iam mais capazes de tomar decisões mais arriscadas por não serem os únicos responsáveis por elas”* (Neto, 2000, pág: 546). Por exemplo, na política certas vezes tomam-se decisões mais arriscadas porque são decididas em grupo, há uma difusão das responsabilidades. No entanto, mais tarde verificou-se que a discussão em grupo não tinha apenas o efeito de tornar as decisões mais arriscadas ou cautelosas, mas sim o *“efeito de as estremar as posições iniciais”*. (Jesuíno, 2000. pág: 327).

A decisão grupal surge como resultado da maioria, logo se as decisões individuais já são extremas, as decisões em grupo mais serão. A comparação social, a argumentação persuasiva e a identificação social tentam explicar este fenómeno. Segundo Sanders e Barron (1977) os indivíduos tentam ver-se e apresentar-se aos outros de modo tão favorável quanto possível (comparação

social). Por exemplo, se é esperado que os alunos tirem uma boa nota, eles vão agir em detrimento desse objectivo, para tentar ficar acima da média. Segundo o princípio da argumentação persuasiva, os indivíduos estão expostos a argumentos a favor ou contra uma determinada posição (Burnstein e Vinokur, 1997, in Neto (2000), pág: 547). Se o argumento for uma novidade este pode conduzir à mudança de posições ou extremar uma certa posição. A qualidade e o peso dos argumentos também são factores a ter em consideração. Por exemplo, se uma pessoa é não fumadora e é exposta a novos argumentos contra o tabaco ela vai extremar a sua posição, casos aqueles argumentos sejam persuasivos; se uma pessoa é a favor do aborto, após conhecer novos argumentos contra a sua liberalização esta pode mudar de atitude. Segundo a identidade social o indivíduo vai tentar enquadrar-se no grupo ao qual pertence, desta forma vai adoptar as normas e estereótipos do seu grupo. *“os grupos tornam-se mais extremistas porque os membros esperam que sejam mais extremistas”*. (Neto, 2000, pág: 548).

• TEORIA DO IMPACTO SOCIAL

A teoria do impacto social é uma metateoria, proposta por Bibb Latané, que tenta explicar os múltiplos fenómenos observados no domínio da influência social. Esta concepção tem sido testada com bastante sucesso, podendo vir-se a confirmar uma grande teoria por estabelecer uma ponte entre os efeitos psicofísicos e efeitos psicossociais.

Esta metateoria está formalmente enunciada em dois princípios que, fundamentalmente, referem o impacto (I) de uma situação social no indivíduo como resultado da intensidade da força presente (S) nessa situação e o número de fontes presentes (N). O primeiro princípio diz que o indivíduo é mais ou menos influenciável consoante o número de pessoas envolvidas, o seu estatuto e proximidade, e é enunciado pela fórmula $I = f(S/N)$. O segundo princípio recorre à metáfora do valor marginal estabelecido pelos economistas ao afirmar que o acréscimo da influência exercido pelas fontes é proporcional a uma raiz do número de pessoas presentes, e é enunciada pela fórmula $I = s.N^1$.

• DISSONÂNCIA COGNITIVA

Dissonância cognitiva é um estado de tensão desagradável causada pela presença simultânea de duas cognições (ideias, opiniões, comportamentos) psicologicamente “inconscientes”. (Festinger (1957))

Podemos verificar dissonância cognitiva quando verificamos que, sem qualquer motivo justificável, agimos de forma contrária às nossas atitudes ou tomamos uma decisão a favor de uma alternativa apesar de termos razões concretas para escolher a outra.

Este estado de tensão pode ser mais ou menos pronunciado, mais ou menos desagradável, consoante a importância ou relevância que essas cognições têm para o indivíduo.

Uma vez que o organismo procura normalmente fugir do desagradável, o indivíduo dispõe de algumas soluções para escapar do estado de dissonância: reduzir o número e/ou a importância dos elementos dissonantes; aumentar o número e/ou a importância dos elementos consoantes; combinar estes dois procedimentos.

METODOLOGIA

• **AMOSTRA**

Alunos do segundo turno no âmbito da disciplina de Psicologia Social. Numa primeira situação individual contamos 14 elementos, e numa situação em grupo bem como numa segunda situação individual contabilizamos 18 elementos.

• **PROCEDIMENTO**

Para uma melhor compreensão destas concepções, criamos cinco situações hipotéticas que nos permitissem demonstrar empiricamente como as diferentes variações situacionais influenciam as atitudes individuais e grupais.

Para tal, foi entregue um questionário à amostra em três fases distintas, sendo necessário tomar uma decisão em cada uma delas. Para cada uma dessas situações o sujeito tinha que expressar a sua opinião numa escala de 1 a 9, onde o risco da decisão aumentava ao longo da escala.

A primeira fase foi realizada com uma semana de antecedência em relação às seguintes, onde se pretendia que a amostra respondesse de forma individual, com o intuito de registar o nível de risco da atitude que estariam dispostos a tomar. Numa segunda fase, em contexto de sala de aula foram formados grupos de quatro elementos, aos quais foi apresentado o mesmo inquérito e solicitado que discutissem cada uma das situações e chegassem a uma única conclusão. Numa última fase, foi-lhes aplicado o mesmo inquérito para que respondessem de forma individual com o intuito de verificar se houve alteração nas atitudes individuais.

• **QUADRO DE RESULTADOS**

	Situação 1	Situação 2	Situação 3	Situação 4	Situação 5
Individual (1º)	2,36	3,43	5,64	4,86	6,56
Grupo	2	2,5	5,5	6,5	7,5
Individual (2º)	2,56	2,22	5,89	7,1	8,2

Quadro 1

• DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao contrário do esperado, a noção de que as tomadas de decisão em grupo seriam mais arriscadas não foi muito visível nos resultados obtidos, à excepção das situações 4 e 5. O facto das respostas, numa segunda situação individual, serem mais arriscadas que em grupo, pode ser reflexo de uma influência das opiniões do grupo que apenas se manifestam individualmente.

Pode-se justificar este fenómeno pelo facto de, dentro do grupo, existir uma necessidade de chegar a um consenso, os elementos queriam manifestar uma resposta que satisfizesse os membros constituintes. Outra justificação, é o facto de os sujeitos não se sentirem totalmente afectos pelas situações, não se sentirem realmente no papel das personagens, daí os resultados também não serem tão realistas.

CONCLUSÃO

O tema por nós abordado, tomada de decisão, não nos era totalmente desconhecido, pois todos nós temos de tomar decisões no nosso dia-a-dia. No entanto, a realização deste trabalho permitiu-nos aprofundar os nossos conhecimentos nesta área, bem como transmitir esse mesmo conhecimento à nossa amostra.

Depois de analisar os nossos resultados pudemos confirmar a teoria da polarização grupal, que refere que após uma discussão em grupo as decisões individuais são mais extremadas que numa primeira decisão individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jesuíno, J. C. (2000); capítulo X; IN Jorge Vala e Benedita Monteiro (Eds); *Psicologia Social*; pág. 327-331; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Neto, Félix (2000); capítulo V (interacção em grupos), *Psicologia Social*; volume II; pág. 542-548; Lisboa: Universidade Aberta

ANEXOS

• QUESTIONÁRIO:

Apresentamos cinco situações hipotéticas. Por favor coloque-se em cada uma das situações, respondendo de seguida de uma forma honesta a cada uma delas. Utilize para o efeito a escala indicada. Agradecemos desde já a vossa colaboração.

Situação 1:

Um rapaz com dificuldades de se socializar e de se integrar num novo meio, é convidado pela primeira vez a sair com um grupo de jovens da mesma idade a assistir uma corrida de rua de carros. Nisto é-lhe feita a proposta de correr num dos carros. Se ele aceitar o desafio e a prova correr muito bem e até ganhar, poderá ganhar popularidade, reconhecimento e até respeito; no entanto, se a corrida correr mal, poderá magoar-se bastante fisicamente ou até perder a vida. Se estivesse no lugar do rapaz o que farias?

Não aceitava o desafio	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Aceitava o desafio
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	--------------------

Situação 2:

Supõe que és uma universitária e estás sob pressão no último exame uma vez que tens que tirar uma boa nota para passar de ano. As pressões são essencialmente dos pais, que afirmam ser a última oportunidade que tens de continuar os estudos. No dia antes do teste, sabes que podes ter acesso à prova. Se arriscares e optares por obter o exame podes tirar uma muito boa nota, satisfazer os pais e continuar os estudos; por outro lado, o plano pode correr mal, seres apanhada e, por consequência, seres a desilusão dos pais e no extremo seres expulsa da universidade. Por qual optavas?

Não acedias à prova	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Acedias à prova
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

Situação 3:

És jornalista de investigação, sempre lutaste pela verdade e pela liberdade de expressão, as tuas reportagens nunca foram inócuas, sempre agitaram a opinião pública, mas, nunca te coibiste de relatar todos os factos, tendo esse reconhecimento público. Neste momento, tens uma reportagem polémica para fazer. Se relatares todos os factos, vais agitar toda a sociedade, o mundo político, social e jornalístico, correndo sérios e reais riscos de perdeses o emprego e de perdeses o prestígio social caso a notícia seja mal interpretada (não está fácil conseguir emprego). No entanto podes abordar o assunto de forma menos incisiva, relatando apenas meias verdades. A reportagem não vai provocar qualquer tipo de agitação nem impacto, mas vais manter o emprego e a imagem pública.

Não relato toda a verdade	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Relato toda a verdade
---------------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	-----------------------

Situação 4:

És treinadora de futebol, a tua equipa luta pelo título juntamente com os seus 2 eternos rivais. O teu lugar como treinadora, pode, ou não, estar em risco (em futebol nunca se sabe) Estamos no penúltimo jogo do campeonato, em casa de um dos rivais, sendo que o último é em casa contra o outro rival (qualquer uma das 3 pode ganhar o campeonato). Se ganhares este jogo, és já hoje campeão. Se empatares este e o último também, ou, se ganhares o último, mesmo que percas este. Estamos no início da 2ª parte, o jogo está empatado, sentes necessidade de mudar algo. Tiras um defesa e metes um atacante, tentando ganhar hoje o campeonato, mas correndo o risco de sofrer um golo e perder o jogo. Jogas pelo seguro, tiras um atacante, metes um defesa e garantes pelo menos um empate, adiando assim a decisão para o último jogo em casa, onde basta um empate.

Tiras um atacante e optas por um defesa	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Tiras um defesa e optas por um atacante
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Situação 5:

Infelizmente és portadora de uma doença grave. A cada dia que passa parece que sofres mais. O teu médico diz que há uma operação que poderá tirar-te desse sofrimento, no entanto o sucesso da mesma pode não ser garantido. A operação pode correr bem, mas caso contrário podes ficar com outro tipo de sequelas, havendo a possibilidade de morreres no decorrer da mesma.

Não fazia a operação cirúrgica	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Fazia a operação cirúrgica
--------------------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----------------------------

• APRESENTAÇÃO NO POWERPOINT:



Psicologia Social

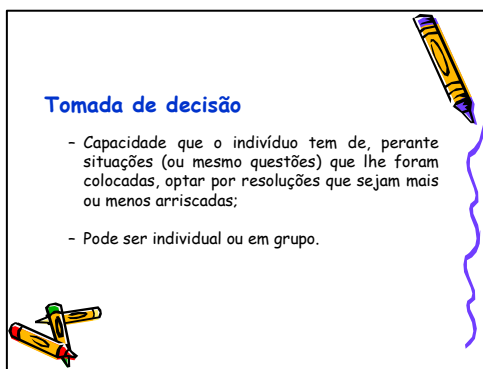
Trabalho elaborado por:
Márcia nº49040
Paulo nº50607
Susana nº47804

1



Tomada de decisão

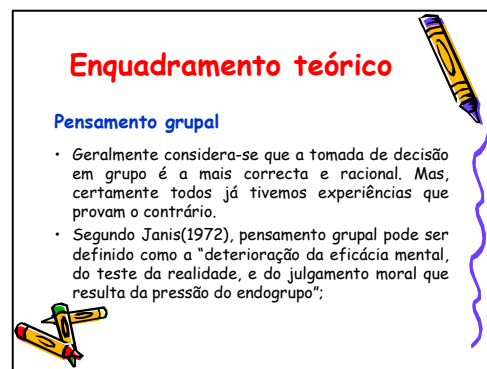
2



Tomada de decisão

- Capacidade que o indivíduo tem de, perante situações (ou mesmo questões) que lhe foram colocadas, optar por resoluções que sejam mais ou menos arriscadas;
- Pode ser individual ou em grupo.

3

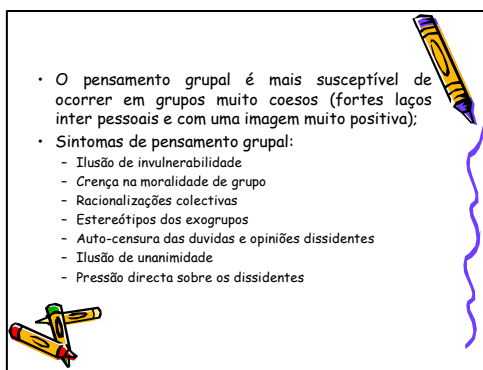


Enquadramento teórico

Pensamento grupal

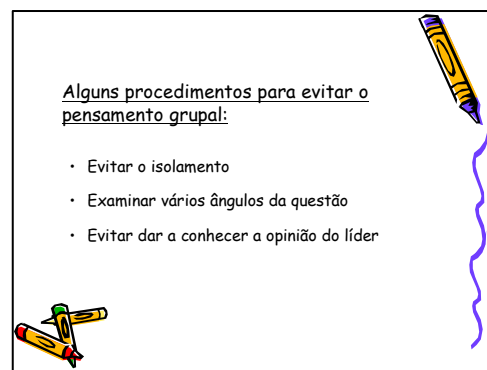
- Geralmente considera-se que a tomada de decisão em grupo é a mais correcta e racional. Mas, certamente todos já tivemos experiências que provam o contrário.
- Segundo Janis(1972), pensamento grupal pode ser definido como a "deterioração da eficácia mental, do teste da realidade, e do julgamento moral que resulta da pressão do endogrupo";

4



- O pensamento grupal é mais susceptível de ocorrer em grupos muito coesos (fortes laços inter pessoais e com uma imagem muito positiva);
- Sintomas de pensamento grupal:
 - Ilusão de invulnerabilidade
 - Crença na moralidade de grupo
 - Racionalizações colectivas
 - Estereótipos dos exogrupos
 - Auto-censura das dúvidas e opiniões dissidentes
 - Ilusão de unanimidade
 - Pressão directa sobre os dissidentes

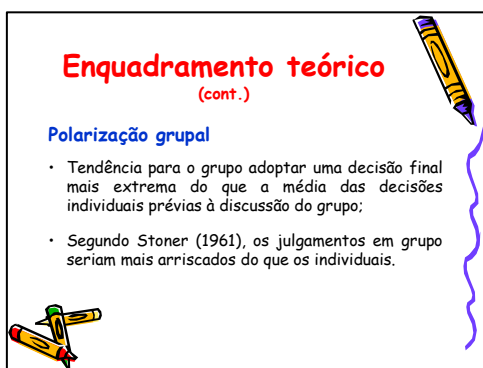
5



Alguns procedimentos para evitar o pensamento grupal:

- Evitar o isolamento
- Examinar vários ângulos da questão
- Evitar dar a conhecer a opinião do líder

6

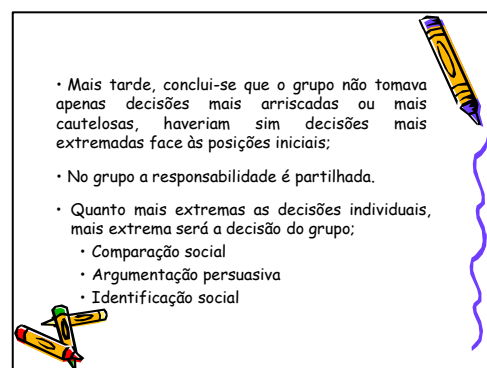


Enquadramento teórico (cont.)

Polarização grupal

- Tendência para o grupo adoptar uma decisão final mais extrema do que a média das decisões individuais prévias à discussão do grupo;
- Segundo Stoner (1961), os julgamentos em grupo seriam mais arriscados do que os individuais.

7



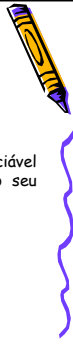

- Mais tarde, conclui-se que o grupo não tomava apenas decisões mais arriscadas ou mais cautelosas, haveriam sim decisões mais extremadas face às posições iniciais;
- No grupo a responsabilidade é partilhada.
- Quanto mais extremas as decisões individuais, mais extrema será a decisão do grupo:
 - Comparação social
 - Argumentação persuasiva
 - Identificação social

8

Enquadramento teórico
(cont.)

Teoria do Impacto Social

- Um indivíduo é mais ou menos influenciável consoante o número de pessoas envolvidas, o seu estatuto e proximidade.

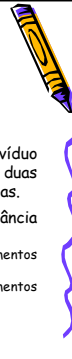




9

Enquadramento teórico
(cont.)

Teoria da Dissonância Cognitiva

- Tipo de tensão ou ansiedade sentida pelo indivíduo quando se dá conta da existência simultânea de duas cognições inconsistentes ou mesmo contraditórias.
- O indivíduo para fugir da situação de dissonância pode:
 - Reduzir o número e/ou importância dos elementos dissonantes
 - Aumentar o número e/ou a importância dos elementos consonantes
 - Combinar estes dois procedimentos

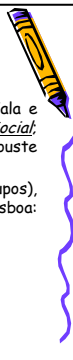




10

Bibliografia

Jesuino, J. C. (2000); capítulo X; IN Jorge Vala e Benedita Monteiro (Eds); *Psicologia Social*; pag.327-331; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Neto, Felix (2000); capítulo V (interação em grupos), *Psicologia Social*; volume II; pg 542-548; Lisboa: Universidade Aberta

11

• EXEMPLO DE PENSAMENTO GRUPAL:

Invasão de Cuba – Desastre da Baía dos Porcos – 4 de Abril de 1961

Kennedy e os seus conselheiros traçaram um plano com o objectivo de invadir Cuba, consistia o mesmo em tomar de assalto a Baía dos Porcos, partir para as montanhas com o objectivo de se juntarem aos guerrilheiros anti-castristas e daí incitar as populações à revolta.

O plano era simples e de fácil execução, pensavam eles. No entanto, ninguém consultou um mapa, ou ter-se-iam apercebido que existem 200 km de terrenos pantanosos a separar a região de desembarque na Baía dos Porcos e as montanhas.

O resultado desta tentativa de invasão foi que as tropas norte americanas foram praticamente aniquiladas, antes mesmo de pensarem em bater em retirada.